

FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DA ORAÇÃO INDIVIDUAL E COMUNITÁRIA

P. Claudio Luiz Bins, S. J.

INTRODUÇÃO

Abordarei nesta palestra os fundamentos teológicos da oração individual e comunitária. Não se trata desta ou daquela forma específica de oração, quer individual, quer comunitária, embora ao falar da oração comunitária eu tenha sempre presente a oração comunitária por excelência: a celebração eucarística. Não se trata também de saber quanto tempo se há de dar à oração, embora isto seja também um aspecto importante. Trata-se simplesmente de pôr a descoberto os fundamentos teológicos da oração, isto é: as realidades teológicas que sustentam, que possibilitam a oração individual e comunitária. E uma vez que se fala em fundamentos, um fundamento por excelência é o próprio sentido da oração. Por isso, ao falar dos fundamentos vou procurar pôr a descoberto aquilo que

possibilita a oração e o sentido da oração individual e comunitária (1).

I ALGUNS PRESSUPOSTOS

1.º O primeiro pressuposto, para podermos entender a oração e seu sentido, é o sentido da existência humana, individual e comunitária, assim como no-la apresenta a revelação; sentido ao qual todos os homens existentes, desde o primeiro homem até o último, são convidados. Este sentido é a união do indivíduo e da comunidade por Cristo, em Cristo e com Cristo, no Espírito Santo com o Pai; e simultaneamente em Cristo, por Cristo e com Cristo, a união dos homens entre si. Este sentido vem expresso com toda a clareza em Jo 17, 21-23: "Que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste. Dei-lhes a glória que me deste, para que sejam um, como nós somos um: Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade, e o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como amaste a mim". O cerne deste sentido é o encontro, o diálogo, a

(1) Na elaboração desta palestra muito me ajudaram os artigos de Rahner, Karl: *Über das Beten*, *Geist und Leben* 45 (1972) 84-98 e de Schillebeeckx, Edward: *La secularización y la fe cristiana en Dios e El culto secular y la liturgia eclesial*, em *idem Dios, futuro del hombre*, Sígueme, Salamanca, 1971, pp. 59-98 e pp. 99-124, respectivamente.

união individual e comunitária por Cristo, no Espírito Santo com o Pai (2).

Este sentido da existência, este convite é *dom gratuito* de Deus aos homens. Em outras palavras, é indevido ao homem, o homem não o pode exigir. Este sentido não é só o termo último da história humana, a meta a realizar-se na eternidade, mas Deus convida a todos os homens a já agora o viverem incoativamente.

2.º O segundo pressuposto, que é impossível ampliar, mas do qual deveremos necessariamente estar conscientes para não fazermos confusão em nossa vida, nos é dado pela resposta à pergunta: Como corresponder a este convite divino? Ou, como viver este encontro, este diálogo com Deus Trino? Como viver a nossa filiação divina?

Correspondemos ao convite de Deus, vivemos a união com Ele, vivemos a filiação divina, assumindo a nossa existência concreta, a nossa realidade de espíritos encarnados, todas nossas qualidades e limitações, vivendo a doação aos outros, servindo, ajudando aos outros, procurando viver a união com os outros, engajando-nos na humanização do mundo, procurando torná-lo mais justo, mais humano, mais unido. Numa palavra, toda a ação boa, todo ato humano feito corretamente, ou nos encaminha para a união com Deus Trino (se estivermos em pecado), ou nos faz crescer nesta união. Esta realidade

vale também se não fizemos a reta intenção, se não fizemos o oferecimento das obras a Deus, se não rezamos, se não nos lembramos de Deus. Não sou contra a reta intenção ou o oferecimento das ações a Deus. Mas não é a reta intenção que faz com que o assumir e viver corretamente a nossa vida em todas as dimensões, seja simultaneamente viver a união com Deus, o encontro com Deus Trino. Não é a reta intenção que faz com que os nossos atos humanos, bons e corretos, sejam atos salvíficos. O sentido da reta intenção é outro. O que na ordem atual da providência Divina faz com que nossos atos humanos bons e corretos sejam simultaneamente atos salvíficos é a encarnação do Verbo, é o fato de Cristo ter dado valor divino às nossas ações humanas; em outras palavras, é o fato de todo o ato humano bom e correto ser sempre uma resposta *situada, envolvida* pelo amor, pelo convite, isto é, *pela graça divina*. A própria Sagrada Escritura e o Vaticano II nos ensinam que este assumir e viver corretamente o dia-a-dia e o amor ao próximo é viver a vocação a que Deus nos chama, é amar, louvar, agradecer, glorificar, cultuar a Deus (3).

A afirmação e a realidade deste segundo pressuposto é sumamente importante, porque se nós acharmos que ao viver nossa vida humana nós vivemos unicamente a vida humana e não a vida de

(2) Sobre o sentido da existência cristã e o seu cerne veja, p. ex., *Lumen Gentium* n.º 2-5; *Dei Verbum* n.º 2; *Ad Gentes* n.º 2-9; *Gaudium et Spes*, principalmente n.º 22. Em todos estes textos encontrar-se-ão muitas citações bíblicas.

(3) Cf. por ex.: Mt 25, 31-45; 1 Jo 4, 19-21. Na S. Escritura e na reflexão teológica ver toda relação entre amor a Deus

e amor ao próximo. A própria vida é culto a Deus: Hb 10, 5, 10; Rm 12, 1; *Lumen Gentium* n.º 34; 36; 41; *Gaudium et Spes* n.º 24; 32; 34, 1-2; 43, 1; 57, 2. Entre os muitos teólogos que nos últimos anos escreveram sobre o assunto destaco apenas: SCHILLEBEECKX, Eduard, *Deus e o homem*, Paulinas, São Paulo, 1969, e a obra citada na nota 1.

união com Deus, então estaremos fazendo uma divisão em nossas vidas.

II DIFICULDADES CONTRA A ORAÇÃO INDIVIDUAL E COMUNITARIA

Entre tantas dificuldades limitar-me-ei a apresentar duas.

1.º A oração cristã é *inútil*.

Se eu vivo o cerne do sentido da vida, a união com o Pai, se eu adoro, glorifico, cultuo, louvo ao Pai vivendo as minhas dimensões humanas, para que ainda rezar? Não é inútil? Mais. Não disse Cristo que seremos julgados pela caridade (cf Mt 25, 31 ss), que entra no céu, não aquele que diz "Senhor, Senhor", mas aquele que faz a vontade do Pai (cf Mt 7, 21), vontade que se reduz ao "amai-vos uns aos outros como Eu vos amei" (cf Jo 13, 34)? A oração está sobrando. Rezar, além disso, é perder tempo precioso, que eu deveria empregar para servir e doar aos outros, para sanar tantas misérias entre os homens, libertá-los de tantas escravidões. Ainda mais que a revelação me diz que eu vivo a união com Deus vivendo esta caridade. Vai trabalhar e deixa de perder tempo com a oração. Finalmente, a oração é inútil porque, depois de tanto tempo de oração, ainda não sei viver a minha vida humana, não sei doar-me aos outros, não percebo crescimento na doação aos outros. Para que, portanto, ainda rezar?

2.º A oração cristã é *impossível*.

Uma vez que Deus é totalmente outro, o mistério inefável, o mistério que não podemos compreender, nem exprimir, aquele que tudo envolve e fundamenta, como

podemos particularizá-lo, dialogar explicitamente com Ele, torná-lo sujeito com o qual refletimos e ao qual escutamos e respondemos? A oração não só não tem sentido, não só é inútil, mas é impossível, porque de fato o Deus a quem nos dirigimos é um idolo, uma projeção nossa, e jamais é o Deus transcendente, o totalmente outro, o Deus vivo. Não devemos querer "tocar" com a oração o intocável, aquele a quem não podemos exprimir com clareza. Se de Deus não se pode nem falar, muito menos se pode falar a Ele. Calem-nos e tratemos com os homens, ainda mais que pela revelação sabemos que vivendo a caridade vivemos a união com o Deus Trino. O encontro com Deus Trino realiza-se humanamente, pela mediação humana, isto é, pelo serviço e doação aos outros e não diretamente com Deus. A oração não só é inútil, não só não tem sentido, ela é impossível.

A estas conclusões se chega a partir de dados profundamente bíblicos e eclesiais, deixando, evidentemente, de lado ou deturpando outros.

III O PROBLEMA

Trata-se, portanto, de saber se de acordo com a revelação podemos reduzir o cristianismo, o cerne da revelação à caridade fraterna, ao serviço ao mundo, ao assumir a vida humana. Trata-se de saber se, de acordo com a revelação, o cristão e a comunidade cristã podem prescindir da oração individual e do culto eclesial comunitário. Mais: é a oração cristã possível? tem ela sentido? qual é este sentido?

Está em jogo o próprio "ser" do cristão e da própria comunidade cristã. Negar a possibilidade da oração cristã, individual e comunitária, negar a sua necessidade (a partir da interioridade e não de uma imposição intrínseca) para além da caridade, e negar o seu sentido é negar a possibilidade e o sentido do próprio cristianismo, é negar o sentido da existência humana individual e comunitária, como o conhecemos a partir da revelação. Onde não houver mais oração cristã, não há mais cristianismo, não há mais cristão, não há mais comunidade cristã.

Afirmar a possibilidade e a realidade da oração cristã e a sua necessidade, para além da caridade, e o seu sentido é fazer, à luz da revelação, a mais alta afirmação — profissão sobre o homem e a comunidade humana; é afirmar a possibilidade e o sentido da existência do cristão e da comunidade cristã, a ser vivido de forma mais plena já agora. Rezar cristãmente é viver na terra a mais plena forma da capacidade humana (4).

IV OS FUNDAMENTOS

Ao expor os fundamentos da oração, isto é, a possibilidade e o sentido da oração, espero que também fique claro o que ela vem a ser.

O principal não é conhecermos os princípios e os fundamentos da oração, mas rezar realmente, embora a explicitação dos fundamentos nos possa ajudar na oração.

1.º O fundamento da oração

(4) Veja o artigo de RAHNER, Karl: *Über das Beten, Geist und Leben* 45 (1972) 84-98; SCHILLEBEECKX, Edward, *Deus e o Homem*, Paulinas, S. Paulo, 1969, pp. 295-297; 221-229, e os artigos citados na nota 1.

cristã é Cristo: "Quanto ao fundamento (da igreja) ninguém pode pôr outro fundamento senão o que foi posto, Cristo Jesus" (I Co 3, 11). O fato de Cristo rezar, o fato da comunidade cristã primitiva rezar (cf. At 1, 14; 2, 42), nos mostram que a oração é possível, que ela tem sentido, também se eu, ou qualquer outra pessoa, não souber explicitar este sentido. Se nós, portanto, ao longo de nossa vida não tivermos outros fundamentos e sentidos sobre os quais basear nossas orações, o fato de que Cristo rezou mostra para nós cristãos que a oração, para além da caridade, é possível e tem sentido profundo.

2.º *O fundamento da oração individual a partir de algumas reflexões teológicas.*

2.º A. Fundamento da oração individual cristã é o fato do Pai, por Cristo, no Espírito Santo revelar, manifestar gratuitamente a si e o seu designio de amor a cada cristão. É o fato do Pai dar a conhecer a si mesmo, o mistério de sua vida intratrinitária e o sentido da existência humana aos homens: o de participarem incoativamente nesta vida e plenamente na eternidade desta vida intratrinitária, individual e comunitariamente (cf. Ef 1; Jo 17, 20 ss). Fundamento da oração cristã é, portanto, a revelação — manifestação do Pai, por Cristo, no Espírito Santo, ao Cristão, a cada um de nós.

O Pai não só se manifesta a nós mediante as criaturas, naquilo que somos, através da palavra da bíblia e dos sinais dos tempos, mas em união com estas mediações, Ele mesmo se manifesta pessoalmente a cada um de nós em nosso

interior (5). A revelação não é só uma realidade que nos advém de fora, mediante os outros e os acontecimentos, mas ela atinge direta e imediatamente o nosso coração agora. Afirmar a possibilidade da oração é afirmar a possibilidade de Deus Trino se revelar, manifestar ao homem. Afirmar o fato da oração cristã é afirmar o fato de que Deus Trino se dá a conhecer aos cristãos.

2.º B. Fundamento da oração não é só o fato de Deus se revelar, mas também de *eu poder conhecer* o mistério que Deus revela, o mistério do Pai e o Seu desígnio concreto, não só em geral, como o conhecemos na Sagrada Escritura, mas o desígnio concreto que o Pai deseja ver realizado agora em mim e espera de mim. Este desígnio eu posso conhecer não só através das criaturas, através daquilo que eu sou, ser inteligente-livre-corporal, ser vivendo em comunidade, não só conheço através dos apelos que as circunstâncias em que vivo me fazem, não só conheço através da Sagrada Escritura e Tradição, mas posso conhecer pelo apelo que o Pai me faz no coração (todos estes elementos precisam ser concebidos numa unidade, não podem ser separados!). Fundamento da oração, portanto, é eu poder ouvir o Pai, poder conhecer e descobrir o desígnio, a vontade, o amor do Pai, agora, concretamente para mim, e conhecendo tudo isso como vindo do Pai, isto é, com a atenção voltada para Ele.

Negar a possibilidade da oração, negar a oração é negar que eu

possa ouvir e conhecer o desígnio do Pai a meu respeito, com a atenção voltada para Ele. É negar, portanto, o próprio ser cristão, o próprio cristianismo, porque uma característica do cristianismo é o de conhecer o Pai e o Seu desígnio em plenitude (enquanto é possível na terra). Expressando a mesma realidade positivamente: afirmar a possibilidade e realidade da oração cristã individual é afirmar a possibilidade e realidade de que existem cristãos, de que eles podem conhecer e conhecem o Pai, o Seu desígnio e amor. Um pagão conhece o desígnio de Deus unicamente através das criaturas e da convivência humana, portanto, de maneira incompleta e sem "saber" que já aí se manifesta parcialmente o desígnio do Pai.

2.º C. O fato do Pai dar a conhecer a Si e o Seu mistério de amor a cada cristão, significa simultaneamente que Ele *possibilita* ao cristão de *co-responder* livremente, com a atenção voltada ao Pai, a esta Sua manifestação: O Espírito Santo nos foi dado e Ele clama em nós, Pai (cf. Rm 8, 15; 8, 26). Significa também que Ele possibilita ao cristão de reconhecer o Pai como o Pai e seu mistério e desígnio de amor. Significa que Ele possibilita ao cristão de assumir livremente, como dom gratuito, o desígnio do Pai a seu respeito. Significa que Ele possibilita ao cristão de acolher, como dom gratuito, ao próprio Pai, de unir-se a Ele, ao Seu amor e vontade, de entregar-se a Ele. Significa, em

(5) Cf., por exemplo: Jo 6, 44, 45. 65. Cf. também SCHILLEBEECKX, Edward, *Deus e o Homem*, p. 221. Neste contexto e no ano que segue está implicada toda realidade e teologia da

revelação e de como ela atinge a cada indivíduo. A redução da revelação cristã a um simples processo e produto da inteligência e história humanas impossibilita radicalmente a oração cristã.

outras palavras, que o cristão pode fazer, sob a inspiração do Espírito Santo, um ato de fé cristão, com a atenção voltada ao pai. *Fundamento da oração individual* é o Pai possibilitar ao cristão a fé, é o possibilitar-lhe o acolher o Pai e unir-se a Ele, assim como Ele se manifesta, com a atenção explícita voltada a Ele, ao apelo que lhe faz, e isto é rezar.

Se colocarmos a revelação — manifestação do Pai na perspectiva da promessa, a resposta do cristão é a esperança, é a entrega confiante de si mesmo ao Pai, com a atenção explícita voltada a Ele, é a esperança de que Ele realizará o Seu desígnio, de que Ele concederá o Seu amor para o cristão poder realizar o Seu desígnio na história da própria vida.

Rezar, portanto, é dizer sim ao Pai, é unir-se a Ele ou intensificar esta união, mediante um ato plenamente humano, com a atenção voltada ao Pai. Porque um ato plenamente humano é aquele no qual eu livremente, com a atenção voltada ao que se manifesta a mim e me interpela, o escuto e lhe respondo.

Podemos exprimir de outra forma o que foi dito até agora: fundamento da oração cristã é a *liberdade humana*, que em sua criaturidade, isto é, em sua dependência absoluta de Deus, é liberdade frente a Deus e para Deus, e de Deus, que convida gratuitamente ao homem de participar de Sua vida intratrinitária. Como cristão eu sou alguém, que por Deus fui e sou colocado frente a Ele, e não

só frente à realidade e pessoas humanas, para responder em liberdade a este convite. Nestas perspectivas, rezar cristãmente significa que o cristão, em um ato fundamental de sua existência, decide sobre ela como um todo e se entrega livremente, na fé, na esperança e no amor, ao mistério e sentido de sua existência: o próprio Deus Trino; decisão e entrega feitas com a atenção explícita voltada para Deus. Rezar, portanto, implica que o homem, em sua criaturidade e dependência radical de Deus, no pleno uso das suas faculdades, com a atenção voltada ao Deus, que se manifesta a mim e me interpela, é ser livre frente a Deus e para Deus. Não há exercício mais pleno das faculdades humanas na vida intra-histórica, do que este do interrelacionamento explícito com o próprio Deus Trino, realizado na fé, esperança e amor teológicos (6).

2. D. *Equívoco a ser evitado*. O exposto poderia levar-nos a um grande equívoco. Uma vez que a revelação implica, em Deus, o dar-se a conhecer e, no homem, a conseqüente possibilidade de poder ouvir, conhecer e assumir o mistério e desígnio do Pai, poder-se-ia concluir que a revelação se reduz a Deus dar a *conhecer* ao homem que ele vivendo como homem (assumindo a sua existência, trabalhando e doando-se ao próximo) vive como filho de Deus, vive a união com Deus. Poder-se-ia concluir que a *fé se reduz* ao homem *saber* que vivendo como homem vive a união com Deus, vive como

(6) Cf. RAHNER, Karl: *Über das Beten*, pp. 84-91; idem: *Theologie der Freiheit*, em *Schriften zur Theologie*, VI, Benziger Verlag, Einsiedeln, 1965, pp. 215-237; tradução (defeituosa) em idem;

Teologia da liberdade, Paulinas, Caxias do Sul, 1970. METZ, J. B.: *Liberdade*, III Na Teologia, em FRIES, H. (coord.): *Dicionário de Teologia III*, Edições Loyola, S. Paulo, 1970.

filho de Deus. Esta concepção de revelação e de fé é incompleta e traz consigo conseqüências nefastas para a compreensão e vida do cristianismo, para a compreensão do sentido, da possibilidade e da própria vida de oração. Esta compreensão da revelação e da fé conduzem lentamente a um esvaziamento do próprio cristianismo.

Dois exemplos talvez nos ajudem a compreender esta afirmação. Desde o momento em que eu *dei a conhecer* a outra que a Austrália existe, este outro *sabe de uma vez para sempre* que a Austrália existe. Desde que eu *dei a conhecer* a um adulto, que por qualquer motivo desconhecia a seus pais, que este senhor e esta senhora *são* seus pais, ele *sabe de uma vez para sempre* quem são seus pais. Não preciso repetir-lhe a *informação*. Mas a partir deste "dar a conhecer" e "saber" ainda não se segue uma convivência, um interrelacionamento pleno e explícito deste homem com seus pais.

Se a revelação e a fé são reduzidas a um "dar a conhecer" e a um "ficar sabendo", então *uma vez* Deus manifestou o Seu mistério e *uma vez* eu fiquei sabendo deste mistério e o assumo pela fé. Resta viver o engajamento no mundo e a doação ao próximo, pois eu *já sei* que o vivendo vivo como filho de Deus. Nem a revelação, nem a fé se reduzem a isto! A revelação, ao mesmo tempo que é manifestação de Deus e de Seu desígnio ao homem, é simultaneamente *convite* ao homem de participar da intimidade intratrinitária de *um modo mais plenamente humano*. A revelação é um dar-se a conhecer do Pai, que é convite a uma convivência profunda e plenamente humana com

Ele, convivência a ser vivida com um ato plenamente humano, escutando o Pai, ouvindo-O, com a atenção voltada para Ele, e respondendo-lhe, com a atenção voltada para Ele. Da mesma forma a fé é um corresponder a este convite para a intimidade, para a convivência com o Pai, com a atenção voltada para Ele.

Nesse sentido, a oração cristã (evidentemente bem entendida e libertada de tudo que é erro e limitação) é o momento culminante da vida do cristão: pois na oração o cristão, homem todo, assim como é, espírito encarnado, relacionamento com os outros, por Cristo e impulsionado pelo Espírito Santo, convive na intimidade do Pai, vive a própria vida de Deus Trino, com o *ato mais plenamente humano*, isto é, com um ato livre e atenção voltada ao Pai. Isto é oração cristã, e este é também o sentido fundamental da oração cristã, a exemplo e em união com a de Cristo. A oração cristã é o momento em que o cristão vive, o mais plenamente possível, o cerne de sua existência cristã: a união com Cristo, por Cristo e no Espírito Santo com o Pai, com um ato plenamente humano. Desta forma e nestas perspectivas, a oração cristã é a mais alta possibilidade de realização do homem na terra. Não há nada que realize mais o homem, em suas potencialidades do que o encontro com o próprio Deus Trino. Na intimidade, na convivência de amor, com a atenção voltada a Deus, o cristão ouve, procura conhecer a Deus Trino e o seu desígnio de amor e bondade; procura unir-se a Ele no amor; procura aprofundar a união com o Pai e com o Seu desígnio con-

creto a respeito dele e da missão que o Pai lhe reserva; procura assumir, no diálogo com o Pai, a sua vida concreta e fortalecer-se para viver a vida diária, que é vida de união com o Pai, mas não com a atenção voltada a Ele.

O sentido primário da oração individual é o de não ter finalidade prática, é o de não ter eficiência técnica, é o de não fazer coisas. Porque coisas são produzidas em fábricas e pelo trabalho. Neste sentido a oração é inútil. Se nós queremos procurar na oração eficiência técnica, produzir pregos, ou seja o que for, a oração é inútil. A nossa vida humana não se reduz primariamente a produzir coisas, não se reduz ao nosso trabalho; a vida humana em plenitude (sob um aspecto meramente antropológico) consiste em convivermos com os outros, em estarmos juntos sem fazermos nada de tecnicamente útil, em estarmos juntos uns para os outros na amizade, no amor. Nesta perspectiva o sentido primário da oração não está em função de outras utilidades. A oração, no que denominamos de vida espiritual, não é meio ao lado de outros meios, para viver a vida a que Deus nos chama. A oração cristã tem sentido em si mesma, porque o próprio Deus não tem finalidade prática. Deus é o sentido absoluto, e o estar com Deus, o conviver com Deus, com a atenção voltada para Ele, é o cerne do sentido da nossa existência.

2. E. Mais um fundamento da oração pode ser indicado: a nossa *limitação humana*, assim como a vivemos em condições terrestres. Esta condição não permite, em nosso viver histórico, permanecer continuamente com a atenção

voltada ao Pai e ao seu convite. Precisamos viver a nossa missão humana, dada a nós pelo Pai. Vivendo esta missão humana, estaremos vivendo a união com o Pai. A união com o Pai, como já vimos antes, podemos vivê-la a cada momento, vivendo corretamente as dimensões de nossa existência, como e onde o Pai o quiser.

Na oração o cristão vem explicitar e viver de forma mais plena, o que vive a cada momento no dia-a-dia de seu serviço e doação aos irmãos: a união com o Pai. Esta expressão — realização brota do próprio ser do cristão e é lhe absolutamente necessária. Schillebeeckx, tendo mostrado que o interrelacionamento pessoal com Deus trino necessariamente se realiza no dia-a-dia, no serviço e doação aos outros escreve: "tudo isto, entretanto, não implica que a religiosidade, tal como se manifesta no trato silencioso com Deus (oração interior), ou tal como se expressa eclesialmente na comunidade dos que crêem em Cristo (liturgia da palavra e do sacramento), seja consequência de um antiquado "supranaturalismo teísta". A pessoa que afirmasse que a relação viva e pessoal com Deus deve integrar-se por sua própria natureza na relação do homem com seus semelhantes que vivem no mundo, e deve nutrir-se desta relação, mas tirasse daí a conclusão de que, logicamente, seria necessário engajar-se unicamente na humanização da humanidade por meio da humanização do mundo e que seria necessário calar sobre Deus, esta pessoa sucumbiriam, a meu ver, a uma fatal conclusão de curto-circuito, conclusão da qual somente poderia subtrair-se de-

sembocando, logicamente num ateísmo humanista. Porque aquele que declara expressa e tematicamente que a relação com Deus está contida *implicitamente* em nossa relação com o mundo e com nossos semelhantes, já chegou a um plano de profissão explícita de fé em Deus. Porque, do contrário, como poderia ter consciência desta implicação? Mas então é necessário aceitar também as consequências desta consciência expressa, se quisermos continuar sendo sinceros conosco mesmos. Com efeito, desde o momento em que alguém está consciente de que a compartilhada comunhão com Deus converte o serviço ao mundo e à humanidade em culto e culto a Deus, para djzê-lo em outras palavras desde o momento em que alguém aceita como cristão o "culto secular", então é necessário fazer justiça à plenitude desta realidade (realidade que é precisamente um dom de Deus), e expressá-la também em louvor e ação de graças. A pessoa que no transcorrer cotidiano da vida ama realmente e recebe amor, deseja expressar-se em determinados momentos com um gesto que não tem outro significado do que o de ser precisamente uma demonstração de amor, louvor e gratidão. Realmente, o que "não se expressa" ou o que "nunca se expressa" vem a ser o mesmo que o que é "irrelevante", o que carece de significado.

Ora, se se afirma que Deus é a plenitude *implícita* de nossa vida (e que conseqüentemente é algo que deve permanecer implícito, a saber, *dentro de* nosso compromisso para com o mundo e nossos semelhantes), então se está dizendo algo, sem pretender expressá-lo propriamente. Neste caso, parece-

me que o ateísmo humanista é mais conseqüente. Além disto, a experiência ensina que esta exclusiva confissão de Deus como "terceiro transcendente" e implícito não pode resistir durante muito tempo e se converte logo em religiosidade explícita, ou se transforma logicamente em "ateísmo" (7).

3.º O Fundamento da Oração comunitária a partir de algumas reflexões teológicas.

O fundamento da oração comunitária cristã é o mesmo do da oração individual, só que se há de explicitar a dimensão comunitária da revelação divina, da resposta humana, do próprio desígnio salvífico e de sua realização. A dimensão comunitária do cristianismo é lhe absolutamente essencial e constitutiva, radica na própria vida intratrinitária, que é vida de comunhão.

O desígnio salvífico de Deus é o de reunir, em Cristo, os homens entre si, e em Cristo uni-los comunitariamente ao Pai, e de forma mais plena em sua Igreja (cf. Jo 17, 20-23; Ef 1-2; Jo 10, 17; 1 Cor 15, 28).

Deus se revela, se dá a conhecer primariamente não ao indivíduo mas *ao povo*. Em plenitude o fez e faz em Cristo. Esta revelação do Pai é hoje *apelo* aos homens dispersos e desunidos, aos homens escravos do pecado, *a se unirem, em Cristo, entre si*; é *apelo para constituírem a própria comunidade cristã*; é *apelo para, em Cristo, realizarem a aliança, a união com Ele*, e de forma mais plena e visível na comunidade cristã.

(7) SCHILLEBEECKX, Edward, *Dios, Futuro del Hombre*, Salamanca, 1971, 112-114.

Esta revelação-apelo, que atinge a interioridade dos homens, é a que possibilita aos homens de corresponderem ao chamado e viverem unidos, em Cristo, entre si e em Cristo comunitariamente unidos ao Pai.

Não há dúvidas, a resposta humana, possibilitada pela ação do Espírito Santo nos corações e nas comunidades humanas, que os faz viver comunitariamente a união com o Pai, pode e é vivida no dia-a-dia, na doação comunitária aos outros, no trabalho com os outros e pelos outros, no esforço comunitário pela sempre maior união dos homens entre si.

Mas se a comunidade cristã, pela revelação, sabe que ela e os homens vivem este mistério profundo e gratuito de sua existência (a união em Cristo, no Espírito Santo, com o Pai) no dia-a-dia, se ela sabe que a própria união dos homens entre si é dom do amor de Deus, se ela sabe que esta revelação de Deus não se reduz a um dar a conhecer, mas é simultaneamente apelo à convivência comunitária com o Pai, então a resposta da comunidade cristã não pode reduzir-se a viver este mistério de forma implícita no viver do seu dia-a-dia. A própria comunidade cristã, impulsionada pelo Espírito Santo, há de reunir-se, com a atenção voltada ao Pai, no ato mais plenamente humano, individual e comunitário, para escutar e responder, comunitariamente ao Pai e para conviver o mistério da própria existência: a união da comunidade, em Cristo, como o Pai. Em outras palavras, a comunidade cristã há de reunir-se para rezar comunitariamente. A oração comunitária não é outra coisa

do que explicitação e realização em ato plenamente humano da realidade que a comunidade cristã vive continuamente, e à qual é chamada a viver plenamente na eternidade.

A oração comunitária por excelência e a celebração eucarística. Sabemos todos da importância da festa no plano simplesmente humano p. ex.: a comemoração de um aniversário em família: "a festa suspende o terrível cotidiano e o tempo dos relógios. É uma participação da eternidade: por isso, quando festejamos realmente, não notamos o tempo passar. A festa está também livre das finalidades e dos interesses. Na festa, todos estão juntos não para aprenderem ou ensinarem uns aos outros, mas para se alegrarem mutuamente, para estar-um-para-o-outro na amizade, na concórdia e no amor" (8).

A celebração eucarística é a festa na qual a comunidade cristã comemora, celebra, de forma humana, sensível e palpável, na fé, confiança e amor, o mistério de sua existência. Na celebração eucarística, Cristo, que, no amor e na obediência, se ofereceu uma vez para sempre ao Pai por nós, para nele nos reunir entre nós e ao Pai, e sempre continua intercedendo junto ao Pai por nós, torna sacramentalmente presente esta sua oblação ao Pai por nós e esta união.

Na celebração eucarística, a comunidade cristã, convocada e reunida por Cristo, ouve comunitariamente a palavra do Pai (não só

(8) BOFF, Leonardo: A oração no mundo secular, em BOFF-SPINDELDREIER, HARADA: A oração no Mundo secular, desafio e chance, Vozes, Petrópolis, 1971, p. 42.

na liturgia da Palavra, mas também na Liturgia Eucarística, pois o momento da consagração é Palavra mais plena de Cristo), não só a palavra pronunciada ao longo da história, mas a palavra do Pai pronunciada aqui e agora para esta comunidade, palavra de convocação e de missão, que se resume no "sejam um, como nós somos um: Eu neles e Tu em mim para que sejam perfeitos na unidade, e o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como amaste a mim" (Jo 17, 22 ss).

Em e por Cristo, a comunidade na celebração eucarística, além de ouvir o Pai, diz na fé, seu sim ao apelo do Pai, assume a aliança com o Pai e a missão que Ele lhe confia; diz o seu sim ao mistério ao qual o Pai o chamou.

Na celebração eucarística a comunidade cristã festeja este mistério de sua existência. Na eucaristia festejamos, em Cristo, a união dos homens e dos cristãos entre si e com o Pai. Na eucaristia celebramos, professamos e percebemos visivelmente que não são os homens, que não são os cristãos, que não somos nós a fonte de união humana, mas que é Cristo que nos reúne e une gratuitamente: Ele, oferecendo-se ao Pai por nós, nos une entre nós.

Na eucaristia celebramos, professamos e percebemos, visivelmente

que não somos nós que, por nossos esforços, nos unimos ao Pai, mas que é Cristo que, ao oferecer-se ao Pai por nós, nos une no Espírito Santo ao Pai.

Na celebração eucarística festejamos, celebramos, com o ato mais plenamente humano, atenção voltada ao Pai, de forma sensível e palpável, o mistério de nossa existência: o conviver e estar, por Cristo e em Cristo (que se oferece no amor e na obediência ao Pai por nós), e no Espírito Santo, comunitariamente em união com o Pai, sem fazer nada de útil, para nos alegrar com Ele, para estarmos em Cristo uns-para-e-com-os-outros e com-e-para-o Pai na amizade, na concórdia e no amor.

Celebrar a eucaristia é festejar o sentido da nossa existência de forma mais plenamente possível aqui na terra. É antecipar, por alguns momentos, o que será a própria eternidade. É explicitar, na fé, o que vivemos de instante a instante. Na vida diária podemos viver e vivemos continuamente o mistério de nossa existência. Não pode haver separação entre vida diária e celebração eucarística. É necessário celebrar o que vivemos e viver o que celebramos. Nestas perspectivas, o participar da celebração eucarística é uma exigência intrínseca do próprio cristão, da própria comunidade eclesial (9).

(9) A este propósito escreve Schillebeeckx: "A participação na celebração eucarística é obrigatória para todo o batizado em virtude de sua pertença à comunidade eucarística eclesial. A Igreja precisou este mandamento geral com o preceito da assistência à missa dominical. Pressuposto o poder de governar conferido por Cristo à Igreja, a obrigação deste preceito deriva fundamentalmente da própria estrutura da Igreja-sacramento: a vida cristã é uma vida eucarística. A Igreja também poderia ter nos imposto participarmos da missa uma vez

por mês ou por ano, ou mesmo na quinta-feira — ou então nada determinar. Sem embargo, o dever absoluto de participar da eucaristia subsistiria como exigência do nosso ser-cristão no seio da comunidade eucarística da Igreja. Só aquele cuja vida cristã e cuja caridade são demasiado fracas podem considerar esta obrigação (que é uma exigência intrínseca da caridade) como um simples preceito imposto do exterior", em SCHILLEBEECKX, Edward: Deus e o homem, Paulinas, São Paulo, 1969, p. 297.

Estas reflexões evidentemente não se restringem à Igreja Universal. Elas se aplicam à comunidade eclesial em que cada um de nós vive: comunidade religiosa, família cristã, Igreja particular. Onde houver uma célula cristã, esta, em virtude de seu próprio ser comunitário eclesial, por constituir uma unidade a partir de Cristo, convocada e reunida por Cristo e em Cristo, para realizar uma missão concreta, esta comunidade cristã há de se reunir para celebrar a eucaristia, o mistério da existência cristã, o mistério da própria existência desta comunidade.

CONCLUSÃO

Como conclusão destas reflexões, e retornando a insistir sobre a inseparável unidade entre vida diária e oração-celebração eucarística, limito-me a citar uma passagem de Schillebeeckx (10): "Enquanto Deus não for tudo em todos, continuará havendo separação, continuará havendo tensão interna entre a vida eclesial e a vida secular dos cristãos, pois o profano não é uma categoria do Reino de Deus. Neste Reino, o domínio de Deus impregnará plenamente todo o criado, e precisamente por isso o situará em sua liberdade autônoma suprema, liberdade na qual Deus transparece.

O profano é uma categoria provisória; uma categoria do *advento* do Reino de Deus, do achar-se este reino unicamente em devir.

Enquanto durar este devir, será também cristãmente válida a dualidade do culto secular (11) e culto eclesial, dualidade que permanecerá em vigor. Não é possível uma religiosidade que atraia todos e tudo a seu círculo de luz, sem que ao mesmo tempo suprima a secularidade do mundo. A atividade secular é parte integrante do sacrifício eucarístico. Mais ainda: assim como o foi para Jesus, assim também para o cristão o "sacrifício espiritual" da vida diária no mundo, em comunhão com seus semelhantes, é precisamente o sacrifício que interessa. Porque neste sacrifício radica para ele, a *realidade* de sua participação viva no sacrifício de Cristo: Sacrifício cuja forma fundamental de manjar, convertida em eucaristia, o cristão pode receber como confissão de que crê que o culto secular só é possível em virtude de 'nova criação' que Deus realizou nele. E assim, na liturgia eclesial se coloca para todo o mundo o sinal de que o culto, agradável a Deus, da história terrena humana chegou a ser possível como culto a Deus. E chegou a sê-lo em virtude do absoluto amor de Jesus aos homens. Em Cristo a história é levada a bom termo. Eis aí a indestrutível esperança cristã, que não só estimula a uma ativa melhora do mundo e à resistência militante contra tudo que possa converter a história em história de perdição, mas que também estimula ao louvor eucarístico."

(10) SCHILLEBEECKX, Edward: *Dios, futuro del hombre*, Salamanca, 1971, pp. 123s.

(11) O autor entende por "culto secular" e "culto espiritual" a vida secular, a

vida diária do homem: "toda atividade humana, a pessoa humana com suas implicações seculares", "renascida em Cristo como nova criatura", idem p. 106.